



Os desafios à educação na era digital: do paradigma da reprodução ao desenvolvimento da autonomia do educando

Rosane Leal da Silva¹ - AMF - UFSM

Subtema: Como ambientes educativos formais e informais foram cidadãos capazes de compreender e cumprir seus deveres pessoais e sociais.

Resumo

Este artigo aponta e discute algumas mudanças ocorridas na sociedade a partir da incorporação das Tecnologias da Informação e Comunicação no cotidiano dos educandos e educadores. Partindo de abordagem bibliográfica, elencam-se potencialidades e são denunciados alguns problemas que podem decorrer do uso da internet sem a devida orientação. A partir desse panorama mais geral, o trabalho propõe medidas que podem ser adotadas pelos educadores para que as tecnologias sejam aliadas na transformação do sistema vigente, contribuindo para a passagem de uma abordagem tradicional para um novo modelo de ensino, no qual os educandos desenvolvam habilidades e autonomia na construção do seu conhecimento, exercendo protagonismo responsável que permitirá seu desenvolvimento pessoal, o cumprimento de deveres pessoais e sociais que servirão de alavancas para as transformações que o momento histórico tanto exige.

Palavras-chave:

Cidadania, Educação, Tecnologias da Informação e Comunicação.

1. Introdução

O acesso à Internet e à riqueza de materiais disponíveis na *web* coloca os educandos diante de novas realidades, pensamentos e ideias, evidenciando que há outras possibilidades de *ser* e *estar* no mundo além daquelas transmitidas pelo professor. Inéditos conteúdos são disponibilizados a cada “click”, revelando um novo mundo de interatividade que é dinâmico e instantâneo, muito diferente dos saberes por vezes cristalizados, que incansavelmente se perpetuam nos currículos de muitas instituições de ensino.

Assim como a crescente utilização das tecnologias da informação e comunicação (TIC) produzem impactos em inúmeros segmentos da vida social, econômica e política, inclusive interferindo fortemente na própria atuação dos Estados, forçados a revisar muitas de suas práticas em virtude da expansão da sociedade em rede, a significativa apropriação dessas ferramentas por parte de crianças, adolescentes e jovens têm imposto uma releitura do fazer pedagógico.

Com efeito, se é verdade que os modelos tradicionais de educação já vinham apresentando fraturas ao longo do último século, a revelar um flagrante descompasso entre o tempo social, de um lado; e o tempo e as práticas ainda empreendidas em muitas instituições de ensino, de outro, essa brecha se amplia e ganha novos componentes em face da incorporação das

¹ Doutora em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Adjunta do Curso de Direito da Universidade Federal de Santa Maria, cursos de mestrado e graduação, onde coordena o Núcleo de Direito Informacional (NUDI/UFSM). Professora Titular do Curso de Direito da Antonio Meneghetti Faculdade (Recanto Maestro - RS). E-mail: rolealdasilva@gmail.com

tecnologias, no cotidiano de muitos infantes e jovens. A grande questão que se apresenta é: as instituições de ensino (independentemente do nível de formação) terão a habilidade de revisitar suas práticas, incorporando as TIC como aliadas para o desenvolvimento da autonomia dos educandos, com condições de orientá-los sobre o uso responsável e produtivo da internet? Esse é o enfrentamento que se pretende realizar a partir desse ensaio, que se ancora em abordagem exclusivamente doutrinária. Sua pretensão não é exaurir o tema, por si só complexo, mas oferecer algumas bases para um debate que apenas se inicia como se sustentará ao longo do trabalho.

2. As insuficiências do tradicional modelo educativo e os desafios impostos pelo crescente uso da internet

O rápido desenvolvimento tecnológico imprime ritmos diferentes entre as atividades pedagógicas que os educandos realizam fora do ambiente físico de muitas instituições de ensino e aquelas propostas na maioria das salas de aula do país. Com efeito, pode-se afirmar que não é necessário aprofundar a investigação para constatar o descompasso entre as possibilidades oferecidas pelas tecnologias da informação e comunicação e as atividades pedagógicas desenvolvidas, ainda alicerçadas no modelo tradicional de educação, em sua maioria. Conforme ensinado por Mizukami (1986), a abordagem tradicional que ainda persiste na maioria das escolas e instituições de ensino está centrada na prática de transmissão de conhecimentos feita pelo professor, usualmente considerado detentor exclusivo do saber. Na maior parte das vezes, o educando é visto como aquele que precisa ser atualizado, figurando como mero coadjuvante ou mesmo depositário passivo do conhecimento que lhe é transmitido pelo professor.

Calcado no modelo unidirecional, esse ensino é de conotação verbalista e encontra na voz modulada do professor o fio condutor que transmitirá o saber. Ao educando, chamado de aluno, cabe assumir posição passiva, acompanhando ponto por ponto do que está contemplado nos planos de ensino, que normalmente são executados de maneira linear, com informações que partem do mais simples ao mais complexo, conforme preconizado pelo método dedutivo.

As informações selecionadas pelo professor têm como fonte o repositório de saberes oficiais disponíveis nos livros e manuais didáticos utilizados em aula e, após ouvir a exposição feita pelo mestre e realizar (normalmente individualmente) alguns exercícios de treino e repetição, o educando deve devolver ao professor o que foi “aprendido”, respondendo às provas propostas. Em geral, nessa abordagem educacional, as reações e respostas esperadas são estereotipadas e, toda a vez que o educando se afasta do modelo desejado, entende-se que ele não adquiriu os conhecimentos e, por conseguinte, se impõe a sua reprovação.

A educação sob essa perspectiva tradicional é vista como produto em vez de um processo. Impera a ideia de instrução e o *locus* adequado para aprender é exclusivamente o ambiente institucional, espaço oficial no qual ocorre a sistematização e a transmissão desse conhecimento. Atuando sob essa lógica, as instituições de ensino cumprem o papel de agência

de ajustamento social, mantendo e reproduzindo as estruturas socioculturais dominantes. Nesse paradigma, não há muito espaço para introduzir o mundo da vida; a problemática local e suas mazelas e necessidades não são retratadas nessas fontes oficiais de saber. Decoram-se fórmulas, mas os educandos são incapazes de refletir criticamente sobre os problemas de seu cotidiano e propor soluções capazes de transformar seu meio social.

Esse descolamento da realidade e a passividade diante da vida, em parte também ocorrem devido ao modelo de ensino de cômoda passividade em que é inserido desde os primeiros anos de escola. Nesse fazer pedagógico mais tradicional, não há espaço para o novo, para construir-se no coletivo, o que impede o desenvolvimento das potencialidades de muitas crianças e adolescentes. Esse processo de embotamento no mais das vezes resulta em jovens apáticos e desconectados de sua realidade e responsabilidades, os quais se tornarão adultos sem sentido de pertencimento e destituídos do compromisso de transformar o lugar e as pessoas com quem convive.

É evidente que esse estado de apatia social e a ausência de um sentido ético não resulta apenas dos processos educativos formais, posto que é inegável a influência dos demais atores sociais como família, sociedade e Estado. Não obstante, não há como isentar as instituições de ensino de sua parcela de contribuição, tampouco ignorar que a educação sofre uma crise que não é só pedagógica, mas também de valores.

Esse sinal de esgotamento e de crise dos modelos educacionais, que não foram capazes de se abrir e incorporar temas de vital importância como a proteção ao meio ambiente, o respeito pela alteridade e o sentido de solidariedade e do trabalho conjunto sofre uma série de questionamentos em razão das transformações ocorridas no século XX, de ordem tanto social, legal e moral quanto tecnológica.

É inegável que o desenvolvimento tecnológico e as descobertas realizadas no último século interpelam esse modelo de educação, o que leva Borges (2007, p. 62-65) a falar de uma crise irreversível no paradigma tradicional. Este paradigma cujos sinais de ruptura teriam se iniciado com o surgimento da mecânica quântica (1900) sofreu sucessivas fragilizações, desencadeadas pelo desenvolvimento da teoria da relatividade de Einstein (em 1905) e pelo questionamento do rigor matemático (1931). A essas descobertas se sucederam outras, e o golpe mais recente foi desferido nos últimos anos do século passado com a projeção e incorporação das tecnologias da informação e comunicação, que não só descortinaram infinito repositório de informações, como as tornaram facilmente acessíveis aos educandos que também assumiram o papel de produtores de conteúdo.

Um dos primeiros problemas que se apresenta é que o novo que emerge do ambiente virtual transforma muitos docentes em *imigrantes digitais*, num universo em que adolescentes e jovens são nativos, e isso desacomoda os lugares ocupados pelos atores do processo ensino-aprendizagem², contribuindo para que os educandos percebam não só as notas

² Essa reação dos professores é, em certa medida, compreensível, porque nesse novo cenário ele não só vê seu *lugar* abalado, como também o território pacientemente mapeado e fichado por ele ao longo de anos de magistério contestado pela informação instantânea que o educando acessou no laboratório informático de sua instituição de

de violência simbólica que, por vezes, se ocultam no processo de ensino-aprendizagem, como também identifiquem novos e dinâmicos saberes que não constam nos currículos.³

Esse panorama mostra que os educadores estão implicados e diretamente desafiados pelo uso das tecnologias da informação e comunicação, posto que os educandos, mergulhados na rede mundial de computadores, passam a desenvolver outras habilidades cognitivas e manifestar novos campos de interesse que nem sempre se coadunam com aquilo que é proposto na sala de aula, naquele momento.

A questão que se apresenta é como esse imigrante cujo conhecimento foi pacientemente mapeado sobre o território dos livros irá auxiliar e propor estratégias de aprendizagem nesse novo espaço-tempo dos fluxos, tão atemporal e desterritorializado. A instantaneidade e o espiral de informações (úteis e inúteis), a facilidade das operações de “recortar e colar” que afrontam a ética, a falta de confiabilidade das fontes das informações e as duvidosas formas de interações e entretenimento que são oferecidas “gratuitamente” em sites de redes sociais e nos *games* do momento (vide *Pokemon*) desafiam, incomodam e questionam a muitos educadores, dividindo opiniões sobre as vantagens e desvantagens desse admirável mundo tecnológico. Nesse embate de potencialidades e riscos, muitos professores adotam posição de resistência, preferindo não utilizar e não valorizar as TIC como aliadas do processo educativo. Outros, ao revés, assumem postura de neutralidade, como se o mundo virtual fosse uma realidade paralela sem pontos de confluência com o ambiente físico da sala de aula, uma espécie de espaço de fluxos no qual não têm nenhuma responsabilidade pelas interações realizadas e informações ali disponíveis.

E que cipoal de informações! Como destacado por Meneghetti (2015, p. 79-80), “[...] a internet neste momento é uma espécie de ‘concentrador’ de informações, um recipiente grandíssimo de toda uma série de dados que os próprios utilizadores de internet colocam à sua disposição”. O maior desafio, segue o Catedrático, é “[...] compreender *como* deve ser tomado e como deve ser interpretado aquilo que o homem coloca à disposição da internet”. Entende-se que os professores não podem se eximir ou furtar de cumprir sua atividade formadora, auxiliando os educandos a realizarem a seleção, interpretação e análise crítica desse novo e infinito conjunto de dados que se revelam a cada *click*.

Essa atuação docente é essencial, pois ainda que seja irrefutável o papel que essa tecnologia desempenha no acesso a bens culturais, não se pode ignorar que no ambiente virtual também são lançadas informações que não correspondem à verdade dos fatos, com evidentes erros ou a quem se atribui autoria que não condiz com sua origem (MENEGETTI, 2015, p.

ensino ou a partir de seus dispositivos móveis. Esse constante contestar dos saberes faz com que o professor mais tradicional se sinta afrontado, o que além de revelar a perda de sua autoridade, também evidencia a migração do saber dos livros para os instrumentos de busca; do professor aos portais, o que produz nos docentes uma crise de identidade e de funções.

³ E aqui podem ser aplicadas as lições de Bordieu e Passeron (1982), posto que muitos docentes resistem às mudanças, preferindo permanecer presos ao modelo no qual foram forjados, onde figuravam como detentores do conhecimento. Tudo o que foge ao seu controle, qualquer informação ou conhecimento que o educando obtenha a partir de outra fonte que não as indicadas por ele, em seu planejamento, são logo vistas com desconfiança, pois não provêm da autoridade educacional.

82-84). Uma vez lançada na rede mundial de computadores, aquela informação é tomada por muitos como verdadeira e, mesmo que não seja verídica, “A exatidão da correspondência de uma informação da internet cria o absoluto, o *ipse dixit*, sobre o fato completamente diferente da vida” (MENEGETTI, 2015, p. 87), tornando quase impossível a correção ou a retirada de tal conteúdo. Ao contrário dos erros impressos em livros, que podem ser corrigidos por uma nova edição ou errata, a internet não permite o esquecimento, pois essa TIC perpetua os conteúdos, facilmente encontrados pelos seus buscadores e pode dar lugar, inclusive, a um desvirtuamento histórico.

Aliado a isso, há um outro problema de ordem existencial, igualmente sério e que também precisa ser discutido por aqueles que assumem a importante missão de educadores. Ainda que não seja tão perceptível a muitos, a velocidade dos fluxos corrói o tempo do homem histórico, atinge sua memória e seu sentido de passado e futuro. Como constatado por Meneghetti (2014, p. 8),

Na informação do nosso planeta, lendo os jornais de qualquer tipo, damos-nos conta de que se está perdendo o *conceito original do que é o homem e também a memória do homem*: fala-se de galáxias, tecnologia, câncer, política, *business* transversais, e as novas “divindades” da cultura são a internet, network, web, Windows, yahoo, google, Wikipédia etc.

Perdidos em meio a tantos comandos e novos aplicativos, simulando ser um novo “avatar” e/ou caçando “Pokemons”, esses sujeitos altamente conectados às tecnologias são desconectados de seu sentido-base. Eles “*existem, mas pensam segundo um outro que não existe*” o que os torna tristemente “desfasados”, termo utilizado por Meneghetti (2014, p. 21) ao se referir àquelas pessoas que “são um pequeno feixe de estereótipos sem conexão ontológica”.

O tempo tradicionalmente destinado a cada atividade é borrado e com tantos apelos que partem de seus computadores ou dispositivos móveis, os educandos têm mais dificuldade de se concentrar em tarefas escolares, insistindo em fazer tudo ao mesmo tempo. Segundo explicado por Veen e Vrakking (2009, p. 32), “A velha regra de fazer uma coisa de cada vez para fazer a coisa certa não se aplica a esta geração. Eles dividem sua atenção entre os diferentes sinais de entrada e decidem processá-los quando adequado [...]”. Esse é outro grande desafio que se descortina aos docentes do século XXI: como obter a atenção dos educandos, que são hábeis internautas, mas demonstram pouca habilidade ou disposição a dedicar-se com mais atenção à construção do conhecimento?

Em parte, o desinteresse pelas formas tradicionais de aprendizagem se justifica pelos argumentos expostos por Veen e Vrakking (2009, p. 53). Para esses autores, além de a tela do computador ser colorida e apresentar imagens múltiplas, os textos em geral são mais curtos e possuem *hiperlinks* que direcionam a busca do leitor para outras fontes, aumentando a praticidade em obter as informações. Essa estrutura tornaria, na visão desses estudiosos, a pesquisa no ambiente virtual bem mais atrativa, se comparada à forma linear e tradicional com que os conteúdos são apresentados nos livros.

Outro ponto de reflexão que merece a atenção dos educadores se relaciona à linguagem. Para muitos autores, as novas práticas que surgem no ambiente virtual e as transgressões dos gêneros linguísticos praticadas, com excessivas trocas de letras, abreviaturas, pontuações irregulares e onomatopeias, prejudicariam a escrita formal. Não há consenso entre os estudiosos sobre esse ponto, pois alguns, a exemplo de Caiado (2007, p. 38), defendem que a escrita presente no ambiente virtual não prejudica a textualidade nos outros espaços, especialmente nas instituições de ensino. Para esta autora (2007, p. 40), as abreviaturas, muito comuns em *chats*, nos contatos realizados por meio dos comunicadores instantâneos e nos textos publicados em redes sociais, representam o refinamento da escrita, que consegue expressar as ideias com reduzido número de caracteres, permitindo maior fluxo comunicacional em menor espaço e tempo.

Fontes (2007, p. 71-72) partilha do mesmo ponto de vista de Caiado, entendendo que a linguagem digital é “[...] dinâmica e camaleônica por ser ao mesmo tempo instrumento e meio de comunicação humana”. Para ela, “Os usuários de computador, portanto, utilizam gêneros e signos semióticos estabelecidos dentro de outras esferas comunicativas, mas também – e necessariamente – os transformam em seu processo de interação”. Nesta vertente de entendimento, o fato que se mostra decisivo é o internauta saber para quem escreve e a qual ambiente seu texto se dirige, ou seja, o conhecimento do interlocutor e do ambiente determina o uso de expressões e abreviações ou não.

Mas nem todos partilham do mesmo otimismo. Dentre os mais críticos, encontra-se Virilio (1997), que além de denunciar a formação de uma geração de dependentes virtuais, ainda associa as comunicações no ambiente virtual à redução do poder argumentativo, embotando a capacidade de debate na arena pública. Nesse sentido, não somente o uso das abreviaturas prejudicaria o desenvolvimento dessas habilidades, mas o fato de no ambiente virtual ser possível realizar uma seleção *ad hoc* dos perfis e argumentos com os quais se quer interagir, o que usualmente é feito a partir de um critério que liga pessoas que defendem os mesmos pontos de vista. A vida em sociedade, no entanto, exige a convivência entre pessoas de variadas posições, formações e visões de mundo, o que exigirá constante diálogo (algo que vem de dois polos) e exercício da fala, que deve ocorrer em respeito à diversidade e à dignidade humanas. Logo, o viver ético e solidário exige o desenvolvimento da discursividade, da socialidade, do convencer e ser convencido, atividades que exigem o desenvolvimento da linguagem.

Portanto, mais do que respostas, a crescente inserção e apropriação das TIC pela sociedade revela novas complexidades que deixam os educadores perplexos. Como usar essas tecnologias a favor da educação, sem perder o espaço de fala do professor, mas conferindo protagonismo também aos educandos? Como usá-las para a formação de um sujeito histórico, comprometido com o seu tempo e dotado de autonomia que permitirá realizar as transformações sociais e políticas que o tempo atual exige e reclama? É sobre essas perguntas que a última parte do texto tenta refletir.

3. Por uma pedagogia conectada ao tempo-espaço real do século XXI

O conjunto argumentativo até aqui produzido aponta que o uso das tecnologias da informação e comunicação na educação divide opiniões, revelando certo desconforto diante de novos desafios. Apesar desse certo mal-estar, é incontestável que as TIC estão incorporadas na sociedade e cabe aos professores encontrarem a melhor forma de as utilizarem para potencializar a aprendizagem, provocando o desenvolvimento de novas habilidades por parte dos educandos.

A melhor postura diante do tema é reconhecer o tamanho do desafio, mobilizando esforços para que o docente também esteja instrumentalizado para utilizar pedagogicamente essas novas ferramentas. Para isso, vale realizar cursos, investir na participação de congressos, apostar na educação a distância, interagir em *sites* educativos especializados, a exemplo do e-Proinfo⁴, do Ministério da Educação, onde é possível trocar experiências pedagógicas com outros professores. A tudo isso, deve-se aliar a adoção de novas posturas cotidianas em sala de aula.

Algumas estratégias podem ser de fácil execução, como investir mais em atividades colaborativas mediadas pelas TIC nas quais sejam propostas tarefas que exijam a atuação solidária do jovem, fomentando o desenvolvimento de coletivos inteligentes. A inteligência coletiva é bastante destacada por Lévy (1999, p. 81), que acredita que por meio dessa estratégia dá-se a possibilidade de formação de verdadeiras comunidades que podem promover a “[...] democracia local, a vida associativa e comunitária, entreajuda, educação, desenvolvimento econômico e comercial, preservação do meio ambiente, cultura, tempos livres, desportos, vitalização da ligação social em geral”.

Incentivar o protagonismo e a autonomia significa usar as TIC a favor do desenvolvimento de habilidades, provocando os educandos a realizarem investigações sobre temas inovadores que possam solucionar problemas locais, o que pode ser feito a partir da pesquisa de experiências bem sucedidas realizadas em outras cidades, estados, países e que podem servir de inspiração. A internet abre canais de interação com o mundo, mas de nada valerá, se o usuário não for capaz de pensar os problemas locais, inovando para transformar sua realidade.

De igual forma, a internet é uma poderosa ferramenta que pode ser utilizada nas pesquisas, especialmente por baratear o acesso aos mais variados repertórios de informações. Cabe ao professor, no entanto, conduzir a investigação dos educandos, indicando-lhes *sites* confiáveis, a partir dos quais podem buscar a informação, contrastando-a sempre com outras fontes tradicionais.

Ademais, essa busca não pode ser confundida com a cópia, o que exige que o docente vá além: para evitar as clássicas operações “recorta e cola” o professor precisa posteriormente confrontar o educando sobre o conteúdo investigado, promovendo espaços de defesa oral e pública do conteúdo, seguidos de debate, onde será possível aferir o conhecimento elaborado,

⁴ Como disposto no Manual do e-ProInfo, “o ambiente permite a concepção, administração e desenvolvimento de diversos tipos de cursos a distância, complemento a cursos presenciais, projetos colaborativos e diversas outras formas de apoio ao processo de ensino-aprendizagem” (BRASIL, 2013, p.5).

a partir do contato com aquelas fontes. Simplesmente solicitar a pesquisa da internet sem criar oportunidades de diálogo, significará subutilizar a tecnologia, além de incentivar a cópia (em afronta à ética) e a mera reprodução de saberes.

Um grande desafio é inserir as TIC ao longo das aulas, especialmente por que enquanto o docente expõe o conteúdo, o educando “navega e interage” com outros internautas em *sites* de redes sociais. Uma alternativa é manter os educandos constantemente ocupados, alternando os ritmos da aula, que não deve ser meramente expositiva. Para dar dinamicidade e responsabilizar esses atores pela construção do seu conhecimento, vale propor desafios para resolução em equipes, solução de casos complexos – cuja pesquisa pode ser iniciada inclusive na internet, porém jamais a resposta pronta pode ser ali encontrada – ou mesmo solicitar que eles busquem, na internet, alguma informação atualizada e/ou novo exemplo sobre o tema exposto pelo professor naquele momento da aula.

Saber utilizar as TIC a favor da educação não significa que o docente deve também se transvestir em avatar ou perder sua autoridade⁵ em sala de aula. Ao contrário disso, o educador do século XXI pode e deve abrir espaços horizontais de fala, descortinar outros ambientes pedagógicos (reais e virtuais), usar as tecnologias para estreitar espaços de fala e interação com os educandos. Tudo isso é útil e são estratégias válidas, desde que o docente não se descuide de sua real função de educador.

4. Considerações finais

Todo o aqui exposto se constitui em uma rápida radiografia do território virtual ocupado pelos nativos digitais que utilizam de forma intensa e, por vezes, descontrolada as tecnologias da informação e comunicação. Ao lado de suas potencialidades largamente difundidas, esses novos aparatos tecnológicos revelam inéditos riscos, alguns deles visíveis e outros mais subterrâneos, relacionados com o desenvolvimento integral do ser e de suas habilidades relacionais. Sustentou-se que não basta apenas ter acesso a infindáveis repertórios de informações que de nada servirão para produzir mudanças significativas na formação do educando, se não contarem com a mediação do educador na indicação de boas fontes de pesquisa, filtragem e análise crítica dos conteúdos. De igual forma, as inúmeras possibilidades de comunicação abertas nos *sites* de redes sociais de nada valerão, se ficarem reduzidas a “ruídos”, frases soltas, desconectadas e de duvidoso sentido comunicacional, por vezes inclusive, violando direitos fundamentais de outros.

É inegável o papel que pode ser desempenhado pelas tecnologias na transformação dos modelos tradicionais de educação para um novo *modus* de aprender e ensinar mais horizontal, aberto para outros componentes que são aportados pela vida social e pelo cotidiano. Aprender e ensinar podem ser uma atividade lúdica, se os atores do processo ensino-aprendizagem souberem tirar proveito dessas vantagens reveladas pela internet. A viragem de um modelo a outro, no entanto, exige mais do que a existência da tecnologia, pois é imprescindível a preparação e formação dos

⁵ Lembrando que autoridade não se confunde com autoritarismo.

imigrantes digitais (a maioria dos educadores). Uma pedagogia para o século XXI não pode estar desconectada ou “desfasada”, pois os docentes não podem abrir mão de seu mister de orientar os educandos, agora típicos nativos digitais. Se antes o papel do professor era importante, seu fazer pedagógico ganha novas dimensões e desafios na sociedade em rede, pois o rápido tempo dos fluxos exige sua mediação, para que os jovens internautas consigam usufruir das vantagens tecnológicas com responsabilidade pessoal e social, ampliando sua autonomia na construção do conhecimento, única ponte que os alçará à condição de transformadores da realidade que os cerca.

5. Referências

BORGES, Martha Kaschny. Educação e cibercultura: perspectivas para a emergência de novos paradigmas educacionais. In: VALLEJO, Antônio Pantoja; ZWIEREWICZ, Marlene (orgs.). *Sociedade da informação, educação digital e inclusão*. Florianópolis: Insular, 2007.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean Claude. *A reprodução*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

BRASIL, Ministério da Educação. *Manual do Sistema e-ProInfo*. 2013. Disponível em: <<https://crtecampomourao.files.wordpress.com/2013/03/manual-completo-do-e-proinfo-2.pdf>>. Acesso em: 22 ago.2016.

CAIADO, Roberta Varginha Ramos. A ortografia no gênero Weblog: entre a escrita digital e a escrita escolar. In: ARAÚJO, Júlio César (Org.). *Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FONTES, Maria do Carmo Martins. O uso de emoticons em chats: afetividade em ensino a distância. In: ARAÚJO, Júlio César (Org.). *Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1999.

MENEGHETTI, Antonio. Do humanismo histórico ao humanismo perene. Recanto Maestro, Restinga Seca: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

_____. *Arte, sonho, sociedade*. Recanto Maestro, Restinga Seca: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: E.P.U., 1986.

SAVATER, Fernando. *O valor de educar*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VEEN, Wim; VRAKKING, Bem. *Homo zappiens: educando na era digital*. Traduzido por Vinícius Figueira. Porto Alegre: Arned, 2009.

VIRILIO, Paul. *Cibermundo: ¿una política suicida? Conversación con Philippe Petit*. Traducción: Cristóbal Santa Cruz. Chile: Dólmén Ediciones/Granica, 1997.